



## **FICA na rua: arte, cultura e poéticas de apropriação de espaço urbano**

FICA in the street: art, culture and poetic of appropriation of urban space

Paulo Cezar Nunes Junior<sup>1</sup>

Janir Coutinho Batista<sup>2</sup>

**Resumo:** A partir das experiências vivenciadas no Festival Integrado de Cultura e Arte (*FICA*), realizado em Itajubá e cidades vizinhas no sul de Minas Gerais, pretendemos evidenciar a cidade como lugar de lazeres e espaço para multiplicidades de relações. Será abordada a questão da apropriação, do encontro entre o sujeito/espaço e de possíveis fazeres artísticos que permitem questionar paradigmas preestabelecidos e reconfigurar o olhar sobre os espaços públicos de grande circulação.

**Palavras-chave:** atividades de lazer, planejamento de cidades, arte.

### **Abstract**

From the experiences of the Integrated Festival of Culture and Art (*FICA*), held in Itajubá and neighboring cities in the south of Minas Gerais, we intend to show the city as a place of leisure and space for multiplicities of relationships. Will be discussed the appropriation, the meeting between the subject and urban space and possible artistic doings that allow us to question pre-established paradigms and reconfigure the look of the public spaces.

**KEYWORDS:** leisure activities, city planning, art.

---

<sup>1</sup> Mestre em Educação Física e Sociedade. Docente e Diretor de Cultura – Pró Reitoria de Extensão – Universidade Federal de Itajubá. Avenida BPS, 1003 – Pinheirinho Email para contato: paulonunes@unifei.edu.br

<sup>2</sup> Mestre em Saúde Coletiva pela Universidade Estadual de Campinas e graduando em Ciências Sociais pela mesma instituição. E-mail: jayabatista@gmail.com

*“Agora, eu me encrapulo o máximo possível. Por quê? Quero ser poeta e trabalho para tornar-me vidente: Você não compreenderá nada e eu quase que não saberia explicá-lo. Trata-se de chegar ao desconhecido através do desregramento de todos os sentidos. Os sofrimentos são enormes, mas é preciso ser forte, ter nascido poeta, e eu me reconheci poeta. Não é de modo algum culpa minha. É errado dizer: Eu penso: dever-se-ia dizer: sou pensado. — Perdão pelo jogo de palavras. Eu é ‘um outro’.” (Arthur Rimbaud)*

## Introdução

Esta é a epígrafe que abriu a proposta curatorial da segunda edição do Festival Integrado de Cultura e Arte - *FICA* (NUNES JUNIOR, BATISTA; 2012).<sup>3</sup> Ela é também um ponto de partida para apresentarmos a discussão que pretendemos tecer ao longo deste artigo: a relação entre apropriação e transformação do espaço público urbano.

Pela ideia rimbaudiana de desregramento dos sentidos, entendemos que é possível resignificar a dinâmica das cidades pela proposição de novos usos e de outros modos de interação com o espaço (LEFEBVRE, 2006). De início, partimos do pressuposto de que a organização das cidades e o planejamento urbano localizam as práticas de tempo livre, instituem sociabilidades e definem meios de utilizar-se do espaço, determinando lugares, horários e condutas a serem seguidas (NUNES JUNIOR, AMARAL; 2009).

Se, por um lado, a existência de um pensamento normatizador organiza a dinâmica das cidades (FOUCAULT, 1982), por outro, é preciso considerar que o modo de apropriação do espaço urbano pode acontecer de maneira plural, escapando às regras e transpondo os usos até então instituídos - tal qual ao realizar-se um espetáculo de dança em uma via de circulação pública que possui usos comumente cristalizados e trajetórias previsíveis.

---

<sup>3</sup> Em 2012, o projeto era conhecido como Festival Itajubense de Cultura e Arte - nomenclatura que vigorou até sua 4ª Edição, ocorrida em setembro de 2014. Devido à expansão para outras cidades sul-mineiras, o projeto passou a denominar-se Festival Integrado de Cultura e Arte.



**Imagem 1:** Espetáculo de Dança “Posso dançar para você?” – Cia Domínio Público, setembro de 2012. Fotografia: Luciano R. S. Fernandes<sup>4</sup>.

Possibilitar um encontro que foge da rotina habitual ocasiona um duplo deslocamento: no sujeito que passa a resignificar sua relação com a cidade, e no espaço que se modifica a partir de um rompimento com a lógica funcional para a qual é projetado, transgredindo seus campos de controle que operam de modo a padronizar os usos e condicionar as ações do sujeito.

Ao propor outras formas de interações com o espaço urbano por meio de fazeres artísticos, tornamos possível trilhar caminhos que fazem emergir novos planos de relações. Trata-se de captar as multiplicidades de trocas que ocorrem no cruzamento entre as ações cotidianas e enxergar nelas possibilidades que permitam criar novos modos de relação com o espaço urbano. Embora a travessia entre intenção e ação possa tornar-se complexa, pois nela está implícita a ordem subjetiva de cada um, o encontro do sujeito com o espetáculo coloca em funcionamento sentidos e experiências outras à revelia da regra e imersa em poesia.

Na necessidade de escrever e principalmente de agir no tema proposto neste artigo, o exercício de fazer-se poeta se concretiza ao olhar para a realidade urbana (material e imaterial) e enxergar nela um campo de possibilidades que se reinventa a cada instante. Antecipar, trabalhar para uma transformação criativa e construída “à surdina”,

<sup>4</sup> As imagens escolhidas para compor o corpo do artigo têm por intenção ilustrar a discussão teórica e esposar sua relação com algumas das intervenções nas quatro edições do *FICA*.

só pode ser concretizado na relação com o espaço pensado, que apropriado de forma autêntica, revela uma potente via de transgressão do uso definido *a priori*.

Portanto, por meio das experiências vivenciadas no Festival Integrado de Cultura e Arte (*FICA*), lançamos mão de um debate que busca evidenciar a cidade como lugar de lazeres, de possibilidades/multiplicidades de uso e não apenas como pontos estanques de funcionamento de um sistema planejado segundo normas e regras definidas. Além disso, colocamos o foco nos fazeres artísticos, pois a nosso ver, estes se revelam como uma potente via de diálogo entre sujeito/espaço e são capazes de estabelecer um novo relacional.

### **Cidade, urbanismo e urbanidade**

A atual configuração das cidades é fruto de uma organização produtiva fomentada pelo industrialismo do século XVIII, quando as noções de tempo e de espaço começam a tomar forma segundo a rotina que o novo sistema de trabalho demandava (PADILHA, 2003). Não por acaso, é nesta época que surge o termo lazer (do latim *licére* - aquilo que é lícito): era preciso separar as “boas práticas” que pudessem preparar o sujeito para voltar ao turno de trabalho dos vícios da bebida e de outros resquícios de ócio da Idade Média.

De modo geral, as definições das condutas lícitas foram colocadas em circulação tanto pela proibição/permissão de hábitos quanto pelo desenho do espaço urbano e condições de habitação/circulação que começariam a ser agenciadas de forma mais sistematizada pela ciência do urbanismo. Conforme anuncia Foucault (1982) a cidade e suas instituições passaram a criar dispositivos disciplinares e modos de vigilância que implicaram na reestruturação dos padrões de sociabilidades e no esquadramento do espaço urbano. Segundo o autor, “sentiu-se a necessidade, ao menos nas grandes cidades, de constituir a cidade como unidade, de organizar o corpo urbano de modo coerente, homogêneo, dependendo de um poder único e bem regulamentado” (FOUCAULT, 1982, p.86).

Ao observarmos a organização do espaço urbano, é importante perceber nele o papel ocupado por determinados saberes/objetos acionados para a constituição do modelo de cidade hoje existente: um corpo de conhecimentos foi desenvolvido para justificar a organização das casas, a disposição das ruas, a definição de espaços de trabalho, convivência familiar e lazer (ROLNIK, 2000). Assim, o conjunto de ações que constituem o planejamento urbano consagra-se como campo do saber que organiza a cidade moderna, acessibilizando e valorizando determinados planos de relações e apresentando ao sujeito

uma rede de estados e de papéis através dos quais ele deveria passar sua conduta individual e coletiva. Neste mecanismo, haveria a construção de uma subjetividade própria e coletivamente conectada para uma utilização comum do espaço urbano, “subjetividade essa que determinava constrangimentos a nível espacial” (GUATTARI, 1985, p. 109) colocando pouco a pouco cada elemento no seu devido lugar: a rua convertendo-se apenas em espaço para circulação de automóveis, a casa como local seguro e individualizado, as praças e áreas verdes de uso comum como zonas de periculosidade e as rotatórias de trânsito como vazios urbanos.

Se por um lado existe uma lógica tecnicista individualizante que determina a organização das cidades, por outro lado há elementos que fazem emergir novas possibilidades de reconfiguração das normas postas, tal qual acena o conceito de transindividuação (SIMONDON, 1958), das apropriações feitas do ambiente pelo sujeito (POL, 1996), e da produção do espaço material e imaterial (SANTOS, 2002) - exemplos de possíveis caminhos para pensar o processo de subjetivação que constitui o encontro sujeito e espaço.



**Imagem 2:** Show no “Palco Rockatória”, rotatória de trânsito (Praça Olinto Vilela), setembro de 2013. Fotografia: Emiliane Paixão.

Ao propormos o fechamento parcial das vias de acesso a uma rotatória e ao bloquearmos o trânsito para receber shows de rock, colocamos em cena valores que fazem a população (tanto aquela que observa, quanto aquela que participa do concerto) repensar a rua e o espaço público como um outro lugar possível. A ideia de que uma rotatória deve

servir apenas como mero lugar de passagem de veículos exemplifica a ação cristalizadora, o fato de que cada vez menos podem ser enxergadas as possibilidades de desvios, segundo arranjos possíveis ditados pelo urbanismo e regras que regem a cidade. Assim, ao provocamos uma desestruturação da norma vigente da relação de poder instituída (FOUCAULT, 2011), a qual define que a rua é espaço de circulação de carros, e não de pessoas, estamos redescobrimo possibilidades de ocupação e de interação com o espaço público.

Para Deleuze e Guattari (1997) o espaço não é um mero lugar topográfico, mas antes de tudo, constituído por expressões e ações que o formam. Ele é atravessado por “uma intrincada rede de materialidades e afetos que, apropriados de forma expressiva, findam por constituir corpos, paisagens, lugares para viver. Estes lugares não pré-existem; é preciso organizar um espaço limitado e traçar um contorno” (FERRACINNI et al., 2014, p.221).

Podemos dizer que há implícita neste processo uma operação que organiza o espaço e atua de acordo com um agenciamento desejado (DELEUZE, GUATTARI; 1997). Agenciamentos, definidos por Deleuze e Guattari (1997) como sendo o acoplamento de um conjunto de relações materiais e de signos que lhes correspondem, os quais destacam um aprisionamento de dadas relações imanentes a eles. No entanto, é possível traçar linhas de fuga, linhas de ruptura frente aos tensionamentos que tendem a fixar e criar o estancamento de determinadas experimentações. Caminhar nesta direção é essencial para compreender uma noção de espaço produzida por uma complexa rede onde estão inscritos planos de experiências individuais e coletivas, os quais constituem-se por um processo expressivo e carregam em si possibilidades de traçar novos desenhos e novas cartografias do espaço.

Pela noção simondoniana de transindividuação a realidade pode ser percebida como uma relação de coexistências, como um processo permanente de construção de coerências internas cada vez maiores, capazes de atualizar-se a partir da relação com o meio (SIMONDON, 1958)<sup>5</sup>. Para ele, enxergar uma zona afetiva que constitui a relação é perceber as reentrâncias subjetivas capazes de efetuar uma modificação e de

---

<sup>5</sup> O filósofo apresenta ainda a existência de uma natureza pré individual: uma espécie de zona de possibilidades, na qual todos os objetivos contêm formas de reconfigurações infinitas que posteriormente darão concretude aos processos de individuação. Cada ser carrega em si o próprio princípio, mas somente pode colocá-lo em funcionamento por meio de uma operação com o meio.

reconfigurar a própria norma de uso; é dar-se conta de que existe “uma margem permeável na qual é possível recriar outros horizontes” (BATISTA, 2013, p. 57).

Logo, os modos de apropriação do espaço pelo sujeito guardam mecanismos de fuga, de subversão das regras e de promoção de uma nova realidade. Guattari também fala desta possibilidade quando diz que:

[...] às arquiteturas disciplinares e enquadradoras sobrepõe-se formas particulares de apropriação, vivências cotidianas específicas que acabam por produzir territorialidades novas e imprevisas [...] fazendo com que a formação do território revele – seja cenário, instrumento e resultado – da contínua luta de dominação e insubmissão. (GUATTARI, 1985, p. 109)

Trata-se de um tensionamento mantido de um lado pelo urbanismo, aquele conjunto de operações que individua o espaço da cidade moderna industrial, e de outro pela urbanidade, aquela diretamente relacionada à valorização do uso do espaço público. Segundo Jacobs (2001, p.121), “a diversidade e a densidade características do urbano são potencialmente capazes de articular o sujeito ao espaço, numa relação rica e dotada de sentido aos cotidianos na cidade”.

Em um sentido mais analítico, colocando em prática os deslocamentos e desvios pretendidos pelo *FICA*, ao pensar formas de ocupar e de inventar novos espaços estamos buscando criar linhas de fuga e traçar novos contornos que permitem ao sujeito experimentar sociabilidades e formas de interação que o afetam na esfera individual e coletiva.



**Imagem 3:** Show de música instrumental no “Palco Rodoviária” com a Banda The Revivals. Terminal Rodoviário de Itajubá, setembro de 2011. Fotografia: Andressa Batista.

Transformar a plataforma de um terminal rodoviário em palco de rock é colocar em prática aquilo que estamos discutindo desde o início do texto: o exercício de redescobrir a cidade, de dotar de potencialidades o espaço (seja ele urbano ou rural) pela apropriação, a partir da capacidade relacional e dos múltiplos usos que podem advir deste encontro.

A arquiteta e urbanista Raquel Rolnik (2000) diz que o urbanismo modernista contribuiu para a perda da versatilidade das cidades, definindo para cada uma delas um lugar e uma missão separada e específica, provocando a diminuição das possibilidades e da quantidade de contatos e misturas de uso que caracterizavam a cidade multifuncional e mais pública. Este processo não só esvazia as possibilidades (que podem ser reestabelecidas pelas apropriações dos espaços públicos por meio de festivais de arte, segundo nosso caso), mas depõe contra o sentido primeiro das cidades, sua existência como nó, como cruzamentos de redes, de caminhos possíveis, de trocas, de informações.

Uma cidade tem mais ou menos urbanidade, mais ou menos multiplicidade de acordo com as possibilidades de encontros e de diversidade de uso dos espaços que ela consegue propor. Jacobs (2001) trata esta temática discorrendo sobre elementos básicos para a incrementação da vida no espaço público: a autora propõe, por exemplo, o alargamento das calçadas, o encurtamento das quadras e a diversidade de usos de um mesmo espaço para que a cidade seja dotada de maior quantidade de usos. Questões e estratégias concretas que suscitam encontros e fomentam trocas no espaço urbano, fazendo deste último um *devoir* que deve ser experimentado fora da esfera individualizada vivenciada normalmente, a fim de que sejam percebidos outros usos além daqueles dados na forma objetiva.

### **Apropriações poéticas e novos usos do espaço urbano: experiências do FICA - Festival Integrado de Cultura e Arte**

Há cerca de seis anos teve início o planejamento de ações para a produção de um festival de artes integradas, pensado para ocorrer principalmente em lugares públicos abertos como forma de promover diálogo e encontros entre sujeito e a cidade. Trata-se de uma tentativa de ocupação dos espaços públicos geralmente esvaziados, seja pelo discurso da segurança, seja pelas regras de conduta as quais restringem as multiplicidades de relações que ele pode apresentar (ROLNIK, 2000).

A princípio, tal projeto teria por objetivos principais a ampliação da oferta de atividades de lazer, arte e cultura na cidade de Itajubá e região, com contribuições de

cunho artístico/cultural relevantes, a saber: a valorização da cultura popular, procurando realçar o trabalho do artista local e promover o debate político em torno da arte; e o incentivo a formação artística e cultural de crianças, jovens e público em geral por meio de oficinas, vivências e espetáculos, com programação nas áreas de música, dança, teatro, artes visuais e performances.

Este movimento pôde ser materializado inicialmente pelo financiamento de um edital de extensão interministerial<sup>6</sup>, intitulado: “Lazer e Espaço Urbano em Itajubá: Diagnóstico e Proposta de Novos Usos” (NUNES JUNIOR, 2012). Embora o projeto original vislumbrasse quatro etapas para o seu desenvolvimento, a dinâmica de concepção e montagem do festival acabou extrapolando o planejamento estabelecido inicialmente, ramificando-se por toda a universidade e também para dentro de outros coletivos artísticos-culturais da cidade. Desde os primeiros meses de trabalho, o projeto foi tomando dimensões que não havíamos imaginado, guiadas principalmente pelos processos colaborativos experimentados no decorrer da produção do festival. O envolvimento de diversos setores da sociedade (jovens, estudantes, produtores culturais, artistas, instituições sociais, etc) potencializou as ações e deu fôlego suficiente para que a expansão do festival fosse multiplicada dali em diante.

Passadas quatro edições do evento, notamos que o processo de apropriação do espaço público proporcionado a cada ano pela realização do *FICA* foi bastante significativo, causando mudanças de sentido no processo de habitar as ruas e espaços públicos da cidade. A cada edição, temos um público circulante médio de 13 mil pessoas, nas mais de 100 atividades oferecidas nas áreas de artes corporais, música, artes visuais e oficinas de formação; cerca de 500 artistas e profissionais ligados ao campo da arte e da cultura passam pela cidade anualmente.

Sem dúvida, importam os números e as repercussões quantitativas trazidas pelo evento, pela mídia, pelo aquecimento do comércio local. Porém, quando pensamos no objetivo primeiro que nos levou a criar a ideia do festival, importa sobretudo a dinâmica fomentada na concepção de uma nova forma de habitar a cidade, de sentir-se parte, de ver-se nas propostas, nos palcos, no trabalho do artista, na poética impossível que agora pode encontrar espaços de aproximação entre as subjetividades, na nova urbanidade que, conforme Lefebvre (2006) anunciava, pode advir da arte e da cultura.

---

<sup>6</sup> Edital PROEXT 2011 – Programa Nacional de Extensão Universitária (PROEXT, 2011).

Neste sentido, ao propormos uma intervenção artística queremos possibilitar ao sujeito outras formas de relação com o espaço público urbano, tornando possíveis diálogos capazes de despertar percepções e sentidos diferentes daqueles experimentados habitualmente. Ao nosso ver, quando existe uma possibilidade de ruptura com o papel meramente funcional do espaço, reside ali também a possibilidade de recriação da própria dinâmica social da cidade, que opera para um deslocamento do olhar do sujeito que nela habita.



**Imagem 4:** Espetáculo “Cabaré Circense”, na Praça Theodomiro Santiago, setembro de 2012. Fotografia: Janine Neves.

Continuando no exercício de ilustrar o que temos tratado até aqui, e resgatando a ideia da perda de versatilidade das cidades defendida por Rolnik (2000), ao propormos que um velho galpão de armazém se transforme em uma galeria de artes visuais, que a praça pública receba um espetáculo de circo ou então que uma plataforma de embarque rodoviário se converta em um palco para bandas de rock, estamos na verdade pensando em novos sentidos para o lugar, em possibilidades de convívio e relação com o meio que já não são mais separadas e específicas, mas abertas a novas possibilidades, a novas apropriações (POL, 1996), a novos contatos e misturas que caracteriza uma cidade multifuncional e mais pública.

### **Conclusões e outras poéticas**

O *FICA* é um campo aberto que enuncia possibilidades de encontros capazes de reconfigurar a dinâmica dos espaços públicos urbanos, além de fazer emergir um novo

relacional, dispositivo - assim como tantos outros possíveis - da experiência do transindividual enunciada por Simondon (1958). Por meio dos fazeres artísticos, são potencializados encontros, diversidades, novas formas de observação e experimentação da densidade mencionada por Jacobs (2001) como fator que incrementa a urbanidade no espaço público.

Através de novas técnicas, de novas iminências poéticas (PÉREZ-ORAMAS, 2012) e de novas formas de apreensão da realidade - daí a importância da arte como instrumento de antecipação dos fatos, como campo de criação de novas estratégias para aquilo que está dado - poderemos desenhar um novo modo de relação com a cidade e despertar novas formas de habitar o espaço urbano. Parafraseando o texto da proposta curatorial da segunda edição do festival:

[...] o *desconhecido* é, portanto, aquilo que resiste. E essa indeterminação marca o tempo presente e nele se insere um leque de possibilidades, trajetórias, caminhos, dobras, repetições, um incessante *devoir* que conduz a proposta desta e de inúmeras outras iniciativas que encerram o trabalho intuitivo de artistas e pensadores da cultura (NUNES JUNIOR, BATISTA; 2012).

Chegar ao desconhecido através do *desregramento de todos os sentidos*: eis o deslocar-se emblematizado no projeto poético de Rimbaud. E o que diferencia a percepção normal da percepção desregrada? A inclusão intencional do desconhecido. A percepção daquilo que mais do que não ser conhecido, revela-se como algo que não pode nem mesmo *vir a ser*.

Nesse sentido, cada campo de atuação artística do festival é permeado por esse anseio de deslocamento, seja nas instalações ou nas performances das artes visuais; nos palcos itinerantes da música; nas vivências experimentais das oficinas e de outras intervenções urbanas; na diversidade temática das companhias teatrais; nas poesias espalhadas em varais; ou nos passos e giros de uma apresentação de dança, cada escolha representa um novo deslocar-se; cada escolha carrega em si um germe para a vidência rimbaudiana (NUNES JUNIOR, BATISTA; 2012).

### Referências bibliográficas

BATISTA, J. A angústia do adoecer – microfendas para o conhecimento de si e possibilidades de reconfigurações na vida. Dissertação de mestrado. Campinas: UNICAMP, 2013.

DELEUZE, G.; GUATTARI, F. *Mil Platôs: capitalismo e esquizofrenia*. Vol. 5 Trad. Ana Lúcia de Oliveira. Vol. 4. São Paulo: Editora 34, 1997.

FERRACINI, R et. al. Uma experiência de cartografia territorial do corpo em arte. *Urdimento*, v.1, n.22, p.219-232, 2014.

- FOUCAULT, M. *Microfísica do poder*. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1982.
- \_\_\_\_\_. Os desvios religiosos e o saber médico. In: MOTTA, M. B. *Arte, epistemologia, filosofia e história da medicina*. Rio de Janeiro: F. Universitária, 2011.
- GUATTARI, F. Espaço e poder: a criação de territórios na cidade. *Espaço e Debates*, v. 6, p. 109-121, 1985.
- JACOBS, J. *Morte e vida de grandes cidades*. São Paulo: Martins Fontes, 2001.
- LEFEBVRE, H. *O direito à cidade*. São Paulo: Centauro, 2006.
- \_\_\_\_\_. *A vida cotidiana no mundo moderno*. São Paulo: Ática, 1991.
- NUNES JUNIOR, P. C. Dados e Relatos de Lazer em Itajubá (MG) a Partir da Experiência de um Projeto de Extensão Universitária. In: *XIII Seminário O Lazer em Debate*, Belo Horizonte. Coletânea de textos XIII Seminário O Lazer em Debate, 2012.
- NUNES JUNIOR, P. C. BATISTA, A.C. 2012. *Proposta Curatorial FICA 2012*. Disponível em: <http://www.ficaitajuba.com.br/2012/o-festival/proposta>. Acesso em: 19/mar./13.
- NUNES JUNIOR, P. C.; AMARAL, S. C. F. Entre a marquise e a pista central. Espaço para o tempo livre no Parque do Ibirapuera. *Movimento*, v. 16, n.2, p. 249-265, 2010.
- PADILHA, V. P.. Se o trabalho é a doença, o lazer é o remédio? In: MÜLLER, A.; DACOSTA, L. P. (Org.). *Lazer e trabalho: um único ou múltiplos olhares?* Santa Cruz do Sul: EDUNISC, p. 243-266, 2003.
- PÉREZ-ORAMAS. L. *A iminência das poéticas* (Texto Curatorial da Trigesima Bienal de São Paulo, 2012. Disponível em: < <http://www.bienal.org.br/30bienal/pt/sobre/Paginas/curadoria.aspx>>. Acesso em 04/out./2012.
- POL, E. La apropiación del espacio. In: ÍÑIGUEZ, L.; POL, E. (Coord.). *Apropiación, cognición y representación ambiental: monografías psicosocioambientales*. Barcelona: PUB, p. 45-62, 1996.
- ROLNIK, R. O lazer humaniza o espaço urbano. In: SESC SP. (Org.). *Lazer numa sociedade globalizada*. São Paulo: SESC São Paulo/World Leisure, 2000.
- SANTOS, M. *A natureza do espaço: técnica e tempo, razão e emoção*. São Paulo: Edusp, 2002.
- SIMONDON, G. *L'individuación psychique et collective. À la lumière des notions de Forme, Information, Potentiel et Métastabilité*. Paris: Aubier, 1989.
- \_\_\_\_\_. 1958. *Du mode d'existence des objets techniques*. Paris: Aubier.

Data de Recebimento: 21/03/2014

Data de Aprovação: 30/01/2015

Para citar essa obra:

NUNES JR, P. C. BATISTA, J. C. FICA na rua: arte, cultura e poéticas de apropriação de espaço urbano. In: *RUA* [online]. n.º. 21. Volume 1, p. 21 - 32 - ISSN 1413-2109. Junho/2015. Consultada no Portal Labeurb – Revista do Laboratório de Estudos Urbanos do Núcleo de Desenvolvimento da Criatividade.

<http://www.labeurb.unicamp.br/rua/>

Capa Disponível em: <http://i.ytimg.com/vi/7q2z6G148cE/maxresdefault.jpg>

**Laboratório de Estudos Urbanos – LABEURB**  
**Núcleo de Desenvolvimento da Criatividade – NUDECRI**  
**Universidade Estadual de Campinas – UNICAMP**

<http://www.labeurb.unicamp.br/>

**Endereço:**

LABEURB - LABORATÓRIO DE ESTUDOS URBANOS

UNICAMP/COCEN / NUDECRI

CAIXA POSTAL 6166

Campinas/SP – Brasil

**CEP** 13083-892

**Fone/ Fax:** (19) 3521-7900

**Contato:** <http://www.labeurb.unicamp.br/contato>